



A TRAMA ENTRE CRIAÇÃO, ENSINO E EXTENSÃO: experiências do projeto ____fio____

THE INTERWEAVING OF CREATION, TEACHING, AND OUTREACH: experiences from the ____fio____ project

Carolina Nicolino Minozzi, UFBA¹

Patrícia Árabe, UFU²

RESUMO

O artigo apresenta o projeto de extensão ____fio____, articulado ao trabalho coreográfico homônimo, que investigou a criação em dança como campo de atravessamento entre ensino, pesquisa e extensão. Desenvolvido entre novembro de 2024 e maio de 2025, na Universidade Federal de Uberlândia, o projeto promoveu contextos de experimentação e compartilhamento em Dança, aproximando artistas, estudantes, docentes e crianças em diferentes momentos de formação. A metodologia adotada valorizou a processualidade e compreendeu a obra coreográfica como um campo em permanente investigação, por meio de procedimentos como residência artística com a equipe criativa e artistas em formação, oficinas fita_fio com crianças da ESEBA e comunidade externa e apresentações públicas do processo criativo no Campus Santa Mônica. O estudo dialoga com referenciais que entendem a prática artística como potência de atravessamento (Silvio Lang), as linhas como fenômenos em si mesmas (Tim Ingold) e a cama-de-gato como prática relacional de transmissão e fabulação (Donna Haraway), reafirmando a obra coreográfica como produção de conhecimento e como espaço de nutrição mútua entre universidade, escola e comunidade.

PALAVRAS-CHAVE

Extensão universitária; criação em dança; espetáculo fio; ensino.

¹ Doutoranda em Dança pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), com orientação de Rita Aquino, bolsa CAPES. Mestre em Artes da Cena, Bacharel e Licenciada em Dança pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). De 2022 a 2024, foi Professora Substituta do Curso de Bacharelado em Dança da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Co-dirigiu o Vão de 2009 a 2018. Dança com a key zetta e cia desde 2014. E-mail: carolinanminozzi@gmail.com

² Professora de Arte na linguagem de Dança do Colégio de Aplicação Eseba da Universidade Federal de Uberlândia. Especialista em Arte Educação pela Universidade Anhanguera. Bacharel e Licenciada em Dança pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Cursou Programa Avançado de Criação em Artes Performativas do Fórum Dança, em Lisboa-PT. Co-Diretora do Vão. Integra a Cia Futura com direção de Clarice Lima. E-mail: totaarabe@gmail.com



ABSTRACT

The article presents the outreach project ___fio___, articulated with the homonymous choreographic work, which investigates dance creation as a site of intersection between teaching, research, and outreach. Developed between November 2024 and May 2025 at the Federal University of Uberlândia, the project fostered contexts of experimentation and sharing in dance, bringing together artists, students, faculty members, and children at different stages of formation. The adopted methodology emphasized processuality and approached the choreographic work as a field of ongoing investigation, activated through practices such as an artistic residency with the creative team and artists in formation, fita_fio dance workshops with children from ESEBA and the surrounding community, and public sharings of the creative process at the Santa Mônica Campus. The study engages with frameworks that understand artistic practice as a transformative force (Silvio Lang), lines as phenomena in themselves (Tim Ingold), and string figures as relational practices of transmission and fabulation (Donna Haraway), reaffirming choreographic work as a production of knowledge and as a space for mutual enrichment between university, school and community.

KEY WORDS

University outreach; dance creation; fio Performance; teaching.

Introdução

Este trabalho apresenta um relato de experiência do projeto de extensão ___fio___, desenvolvido na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), tomando a obra coreográfica homônima como eixo articulador entre criação artística, formação e pesquisa em Dança. Ao refletir sobre as ações extensionistas que constituíram o projeto - incluindo residência artística, oficinas com crianças e aberturas públicas de processo criativo -, o texto busca se debruçar nas potências da prática artística como campo de investigação e produção de saberes. Assim, reafirma-se a criação em Dança como força capaz de ativar processos formativos compartilhados e de produzir inflexões sensíveis nos modos de ensinar, aprender e estar junto no âmbito acadêmico e em diálogo com a comunidade.

O projeto de extensão ___fio___ foi realizado entre novembro de 2024 e maio de 2025, com apoio do Programa Institucional de Apoio à Cultura – PIAC Servidores, da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal de Uberlândia



(PROEXC/UFU). Promoveu a articulação entre dois contextos da Universidade Federal de Uberlândia (UFU): o Colégio de Aplicação - Escola de Educação Básica (Cap - ESEBA) e o Bacharelado em Dança. Ao atravessar distintos ambientes formativos - da escola básica ao curso de graduação -, o projeto gerou encontros entre diferentes gerações da universidade e da comunidade externa, envolvendo estudantes, técnicas e técnicos administrativos, docentes, famílias, crianças e artistas da cidade.

Desenvolvido a partir da parceria artística entre as autoras, nomeada desde 2019 como TRAMA, o projeto de extensão emerge de modos de criação que compreendem o tramar como prática colaborativa: juntas, aprontar, inventar caminhos, promover encontros e criar brechas de espaço e tempo para experimentações em coletivo.

A obra coreográfica __fio__³, dedicada às infâncias, ao ser compreendida como referência para as ações extensionistas do projeto, constitui-se como campo aberto em constante atualização, como matéria a ser movida - e movente - , capaz de puxar outros fios de investigação artística no encontro com as pessoas participantes das ações. Desse modo, __fio__ passou a ser “chão” para instaurar espaços processuais de experimentação de procedimentos e para promover deslocamentos na percepção - tanto do corpo em relação quanto das próprias possibilidades do que pode ser uma investigação em Dança para e com as infâncias.

O projeto emerge das indagações das autoras, que mantêm um trânsito de atuação artística dentro e fora do contexto acadêmico, e buscam compreender quais espaços os processos de criação ocupam em diferentes contextos. São questionamentos que seguem em aberto e fazem do projeto __fio__ um lugar de experimentação que não necessariamente responde a perguntas, mas reafirma a urgência de elaborá-las, lembrá-las e fazê-las soar, de novo e de novo: quais lugares as experiências de experimentação e criação artística ocupam nos ambientes

³ __fio__, com direção de Carolina Minozzi e Patrícia Árabe, estreou em outubro de 2023, na cidade de Uberlândia - MG, na 9ª edição da PARALELA, por meio do Prêmio PARALELA de Criação em Dança. Esta criação se inscreve na parceria artística entre essa dupla de artistas, nomeada TRAMA.



acadêmicos? Quais hierarquias de saberes e fazeres ainda se perpetuam nesses espaços formativos em Dança/Arte? De quais modos a criação artística das pessoas docentes imbrica-se às suas atuações pedagógicas? E o inverso? Como sustentar, de modo saudável, essas distintas atuações enquanto docentes artistas? Quais estratégias podem fazer da extensão universitária também um espaço de investigação artística processual e compartilhada?

Desse modo, uma referência importante para a pesquisa - inerente à própria realização deste projeto de extensão - , seriam as discussões da “Prática como Pesquisa”, compreendendo a prática artística não somente como metodologia, mas como epistemologia. O argumento central da “Prática como Pesquisa”, é a reivindicação de uma virada epistemológica, na qual a prática artística deixa de ser objeto ou produto de análise para ocupar um lugar estruturante na própria arquitetura do saber acadêmico. Nesse processo, a “Prática como Pesquisa” não apenas amplia o escopo das metodologias aceitas, como também desestabiliza as fronteiras entre fazer e teorizar (Isabela Berto Tescarollo e Melina Scialom, 2022).

Trama, obra e nascimento do projeto de extensão __fio__

O projeto teve como eixo articulador o trabalho coreográfico __fio__, compreendido como mobilizador das ações extensionistas e como campo aberto de investigação em Dança. Algumas imagens povoam o imaginário das sensações ao convocar esta obra como eixo: estrela-guia, amiga conselheira, interlocutora artística. Assim, a obra foi atuando como essa interlocutora / estrela-guia / amiga conselheira do projeto que ampliava as possibilidades de acionar a extensão universitária como território de investigação artística processual e compartilhada no encontro entre diferentes gerações da universidade e da comunidade externa.

Nesse sentido, uma referência crucial da pesquisa a ser apresentada é a própria obra coreográfica __fio__, criação em Dança que foi sendo desenrolada e atualizada junto à realização do projeto. A partir dela surgem as conexões com outros referenciais e é com ela que modos de relação são tateados no projeto - desde a sua



formulação e escolha de formato das ações até os procedimentos de criação investigados e compartilhados no seu decorrer.

Imagina levar para a sala de ensaio as coisas mais significativas de criações anteriores e permitir que um novo processo de criação se inicie a partir da relação com elas. Esse gesto disparador orientou o processo de criação de ___fio___. A obra nasce do desejo de cruzar as pesquisas desenvolvidas por Carolina Minozzi e Patrícia Árabe em seus trabalhos solos - *à escuta*, de Minozzi, e *Descarada*, de Árabe - nos quais já se faziam presentes investigações sobre a relação com as matérias e a possibilidade de ser coreografada por essas relações ou matérias. Esses interesses se atualizam no encontro com o público e com o espaço, compreendidos não como contextos neutros, mas como co-agentes das obras coreográficas.

Em ___fio___, a matéria linha assume o coração da dramaturgia do trabalho, sem abordá-la por vias metafóricas, mas como coisa dotada de vitalidade. As linhas atuam como organizadoras das relações, dos acordos e dos diálogos entre artistas, coisas, espaços e públicos. A linha torna-se, assim, uma espécie de coreógrafa do encontro, traçando convites à co-imaginação e gerando transformações contínuas na arquitetura do espaço à medida que o fluxo da peça se desenvolve.

Tal compreensão dialoga com o pensamento de Tim Ingold (2022) e sua antropologia comparativa das linhas, nas suas mais diversas formas e presenças no mundo. Para o autor as linhas não se apresentam como abstrações ou metáforas, mas como fenômenos em si mesmas, constitutivos dos modos de habitar, perceber e criar mundos (Tim Ingold, 2022, p. 17).

“Uma linha me leva para passear” é um trecho da canção original composta por Hedra Rockenbach no primeiro encontro de criação de ___fio___, em 2023. Assim, percebe-se, de alguma maneira, que, antes mesmo do contato com o pensamento de Tim Ingold (2022), as práticas artísticas do processo criativo já possuíam como premissa essa ideia de “passeio” enquanto modo de criação artística, no qual o processo de criação se desenrola conforme é feito. Desse modo, passear pode ser diferente de se deslocar de um ponto até chegar a outro ponto determinado. Tal premissa dialoga com o modo “andarilho” que Tim Ingold propõe, no qual não se têm



rotas pré-estabelecidas, pois a jornada se faz e se inscreve na própria ação de andarilhar (Tim Ingold, 2022, p. 40).

As práticas artísticas de ___fio___ também já possuíam o desejo de investigar a escuta das matérias e experimentar diferentes qualidades de relação com elas, a ponto das linhas guiarem essas ações de investigação não premeditadas - sejam as linhas que se formam como rastro do próprio percurso de criação, seja a matéria linha que interconecta pontos de tensão que sustentam relações coreográficas. É no gesto de transmissão coletiva - nesse fio contínuo em movimento, uma coisa que leva a outra que leva a outra que leva a outra ... - que as possibilidades são desenhadas, tanto de percepções como de co-criações de mundos.

Em criações coreográficas e vivências anteriores as artistas estavam a investigar: o que aprendemos com as matérias? Neste projeto de extensão, essa pergunta seguiu ressoando como orientação para as investigações em Dança. É a partir dessa prática artística sustentada no tempo - e do desejo de seguir investigando coletivamente as questões mobilizadas por ___fio___ - que o projeto de extensão homônimo se configura. O projeto nasce como um desdobramento das experiências artísticas em curso, não com o intuito de reproduzir a obra em outros contextos, mas de criar espaços de convivência e experimentação que ampliassem seus procedimentos, suas perguntas e seus modos de fazer em coletivo.

Práticas de criação, transmissão e fabulação no projeto de extensão ___fio___

O projeto de extensão foi composto por ações de residência artística, oficinas com crianças e aberturas públicas do processo criativo investigado na residência. As oficinas foram ministradas por Carolina Minozzi e Patrícia Árabe, que também coordenaram os encontros da residência artística, culminando nas aberturas públicas.

Junto a elas, participou como artista convidado da residência e das aberturas públicas o ator e iluminador Lucas Pradino, que integra a equipe de criação da obra coreográfica ___fio___. Durante a residência, foram selecionadas duas acompanhantes de processo criativo, a artista da dança e iluminadora Lu Luciana e a artista e



professora de dança para crianças Rhaynne Rodrigues, cujas presenças se deram de modo implicado nas experimentações vivenciadas nos encontros.

O projeto contou ainda com dois meses de atuação de bolsistas estudantes do Instituto de Artes da UFU: Milene Chinquio, mestranda em Artes Cênicas, responsável pelo acompanhamento da produção; e Malu Teodoro, à época estudante da Licenciatura e do Bacharelado em Artes Visuais, responsável pelo registro fotográfico e audiovisual - entendido como prática integrada à investigação em curso e como documentação das ações.

A residência artística configurou-se, ao longo de oito dias, como espaço de convivência, experimentação e investigação compartilhada, orientada pelas questões que atravessaram a criação de __fio__. O campo de investigação foi composto por experimentações improvisadas com as matérias - fios, cordas e fitas de variadas espessuras, cores e texturas - nas quais o tempo de estar com elas era tomado como parte do próprio processo de criação.

Tomando essa experiência de estar com as matérias como premissa das investigações, foram experimentadas práticas de revezamento entre quem iniciava uma ação e quem a continuava a partir da ação anterior, leituras coletivas de referências bibliográficas e artísticas, bem como momentos de escuta e apreciação da trilha sonora original, composta por Hedra Rockenbach.

Essas práticas sustentaram modos de experimentar e compor em tempo real, nos quais as decisões emergiam da atenção às relações instauradas entre pessoas, matérias, espaços e temporalidades. No próprio fazer compartilhado que a residência instaurou, os procedimentos não eram compreendidos como conteúdos ou técnicas a serem assimilados, mas como dispositivos abertos, ativados para serem habitados, testados e transformados no próprio encontro.

Figura 1 - Residência artística __fio__



Fonte: Malu Teodoro, 2025. **#paratodomundover**: Em uma sala de aula de dança com piso de madeira, paredes e armários brancos, seis pessoas estão sentadas no chão, em meio a fios coloridos esticados e espalhados pelo espaço. Os fios formam uma espécie de teia que conecta espaço, pessoas e coisas - como pequenos bancos de madeira e novelos. A cena sugere uma conversa e prática coletiva de experimentação com esses materiais.

Entre as referências que acompanharam a residência, destacam-se as reflexões de Donna Haraway em torno das figuras de barbante, também conhecidas como cama-de-gato. “Essas figuras de barbante são tanto práticas do *pensar* como do *fazer*; são práticas pedagógicas e performances cosmológicas.” (Donna Haraway, 2023, p. 32). Para a autora, brincar com figuras de barbante diz respeito ao ritmo entre dar e receber padrões, ao risco da falha e à possibilidade de que algo consequente e talvez até belo emergja da relação - algo que não existia antes (Donna Haraway, 2023). Nesse sentido, assim como ensina Haraway - influenciada por Marilyn Strathern - interessa reconhecer quais práticas tecem as práticas artísticas:



“Importam as matérias que usamos para pensar outras matérias; importam as histórias que contamos para contar outras histórias. Importa quais nós amarram nós, quais pensamentos pensam pensamentos, quais descrições descrevem descrições, quais laços enlaçam laços. Importa quais histórias produzem mundos, quais mundos produzem histórias.” (Donna Haraway, 2023, p. 29)

Interessa investigar, no contexto universitário, as práticas artísticas mobilizadas para criar e pensar (com) as danças que são produzidas: que narrativas essas práticas contam e que modos de relação entre distintos mundos elas evocam?

Nessa perspectiva, durante a residência, foi compartilhado e assistido coletivamente um registro audiovisual que apresenta jogos de barbante vinculados a narrativas e constelações da cosmologia Navajo⁴, citado por Haraway (2023, p. 32), evidenciando práticas intergeracionais de transmissão de conhecimento por meio dos fios. Embora as figuras específicas não tenham sido reproduzidas, o material atuou como referência para ativar essa brincadeira como prática relacional e fabulatória no contexto da residência - em que cada gesto recebido era transformado ao ser passado adiante, mantendo vivo o tempo compartilhado e as qualidades de atenção requeridas pelo próprio jogo.

Brincar de cama-de-gato, nesse contexto, constituiu-se como uma prática concreta de fabulação compartilhada. Cada pessoa recebia uma forma provisória e a transformava ao passá-la adiante, instaurando um campo de criação no qual autoria e controle cediam lugar à atenção e à coexistência. A residência operou, assim, a partir de princípios nos quais a criação se dava na relação, por meio do engajamento contínuo com as matérias, afirmando sua vitalidade como participantes ativas do processo criativo.

⁴ Navajo String Games, Grandma Margaret: <https://www.youtube.com/watch?v=5qdcG7Ztn3c>. Acesso em: 13 jan. 2026.

Figura 2 - Cama-de-gato



Fonte: Malu Teodoro, 2025. **#paratodomundover**: Imagem em close nas mãos de uma pessoa branca sentada no chão, manipulando um fio azul entre os dedos, formando uma trama geométrica (cama-de-gato). A pessoa veste roupa azul, e o fundo mostra o piso de madeira desfocado. A imagem destaca o gesto manual e a relação de tensão com o fio e ou a trama.

Bolsistas e acompanhantes praticaram junto, acompanhando os procedimentos de criação desde dentro, ao mesmo tempo em que instauraram zonas de distanciamento crítico por meio do registro, da escuta e da devolução. Essa dupla posição - implicada e reflexiva - tensionou a separação entre quem cria, quem observa e quem analisa, permitindo que deslocamentos do processo se tornassem matéria de reflexão no próprio tempo da experiência. Essa configuração produziu um modo específico de elaboração coletiva, no qual observar, registrar e criar se constituíram como práticas indissociáveis, atravessadas continuamente ao longo do processo.

No contexto universitário, embora existam docentes e artistas que já desenvolvem propostas formativas em formatos diversos, a sustentação institucional



de tempos e espaços dedicados à criação artística ainda se apresenta de modo tímido, frequentemente subordinada a formatos curriculares ou a expectativas de produtividade. Nesse cenário, a residência instaurou um espaço de experimentação não vinculado a uma disciplina específica, sustentando práticas colaborativas fundamentadas no convívio prolongado e no fazer junto. Ao operar dessa maneira, o projeto afirma a extensão como um campo possível - ainda que não hegemônico - de investigação artística, no qual a produção de conhecimento se dá pelo engajamento direto com a experiência e pela atenção aos processos em curso.

Longe de inaugurar um modo de aprendizagem dissociado das práticas pedagógicas já desenvolvidas pelas autoras, essa configuração intensificou e condensou modos de operar que já atravessam suas atuações docentes tanto na graduação quanto na educação básica, tornando mais explícitos seus efeitos formativos em diferentes contextos.

Durante a residência, após uma semana de encontros dedicados à experimentação de práticas oriundas da pesquisa do espetáculo __fio__, iniciou-se uma nova criação em dança, dedicada às infâncias e a espaços não convencionais ou abertos, intitulada fita_fio, que segue em processo de feitura desde então. Entre as perguntas que acompanharam as investigações durante a residência, e que seguem ressoando, estão: como criar uma nova obra de dança em que as crianças possam adentrar e dançar com as matérias? Como dançar em espaços não convencionais pode gerar uma estrutura coreográfica mais aberta e porosa na relação com o público?

No oitavo dia da residência, em 31 de maio de 2025, foram realizadas duas sessões de abertura pública para compartilhamento do processo criativo desenvolvido ao longo da residência, na área externa do Bloco 5O do Campus Santa Mônica (UFU), com um público total de cerca de setenta pessoas.

Figura 3 - Abertura pública do processo de criação de fita_fio



Fonte: Malu Teodoro, 2025. **#paratodomundoover**: Em um espaço aberto com árvores e chão de cimento, uma mulher branca e uma criança interagem com fios coloridos esticados, formando uma trama no ar, enquanto outras pessoas observam e interagem ao fundo.

Os compartilhamentos públicos do processo de criação constituíram-se como desdobramentos das experiências de investigação realizadas ao longo da residência artística. A experiência de compartilhar foi compreendida como parte integrante do próprio processo investigativo. Assim como os encontros da residência funcionavam como laboratórios - com um potencial performativo em si -, os compartilhamentos públicos - atravessados por sua performatividade inerente - foram entendidos como mais um dia de laboratório, no qual se experimentava a relação com o público, composto por adultos e crianças, bem como com o espaço.

Além dessas ações atreladas à residência, o projeto propôs três oficinas com crianças, também intituladas fita_fio, realizadas entre novembro de 2024 e maio de 2025 no CAP–Eseba (UFU). A primeira oficina aconteceu durante a Semana de Arte



da Eseba (UFU), em dezembro de 2024, e contou com a participação de onze crianças; a segunda e a terceira ocorreram na mesma semana da residência artística, uma em seguida da outra, em maio de 2025, e contaram com a participação de oito crianças ao todo.

As oficinas fita__fio são um convite para dançar, arquitetar espaços, traçar trajetórias, contornar o entorno e imaginar paisagens a partir do encontro com essas duas matérias: fio e fita. Partindo da pesquisa de criação em torno da obra coreográfica __fio__, as oficinas propõem o compartilhamento de práticas desenvolvidas durante os processos criativos com as crianças, e, com elas, inauguram-se novas práticas e relações com as matérias.

Inspirada no princípio do “devir-com”, proposto por Donna Haraway (2023), a experiência das oficinas orientou-se por investigações de relações com as coisas, os espaços e as crianças, interessadas em como a linguagem da Dança pode constituir-se como campo de deslocamento nos modos de relações que estabelecemos com as matérias e como disparadora de fabulações acerca dessas relações.

Como afirma Haraway, “devir-com, e não simplesmente devir, é a regra do jogo” (HARAWAY, 2023, p. 30), pois é no encontro e no convívio que relações emergem e reconfiguram mutuamente as tramas que nos tecem. Brincar de inverter as hierarquias de quem move quem em uma dança, além de prazeroso, passa a ser um modo de tatear experiências que deslocam binarismos - sujeito/objeto, pessoa/coisa - e tensionam as hierarquias presentes na cultura ocidental na relação entre essas categorias.

Escutar a linha em duplas; desenhar imaginações com os fios; mover linhas no corpo; criar trajetórias com as fitas; arquitetar espaços com os fios; dançar com as matérias - são alguns dos enunciados utilizados no processo de criação do espetáculo de dança __fio__ que foram compartilhados e atualizados no encontro com as crianças ao longo das oficinas.

Quais danças a fita e o fio nos ensinam? Quais coreografias o fio e a fita nos traçam? Como, nesse emaranhado de relações com as matérias, vamos arquitetando mundos e espaços imaginários dentro dos contextos de aprendizagens? Quais

desenhos-danças inventamos com a fita e o fio? - essas são algumas das perguntas disparadoras para a investigação lúdica da oficina com as crianças.

Figura 4 - Oficina fita_fio



Fonte: Malu Teodoro, 2025. **#paratodomundoover**: Crianças em pé, vistas da altura das pernas e pés, interagem com um fio rosa disposto no chão em forma irregular, criando um desenho. Uma criança pisa e contorna o fio, enquanto outras observam ao redor. A cena sugere uma atividade de experimentação em dança a partir do contorno criado pelo fio.

Cabe destacar que as oficinas realizadas com as crianças aconteceram em simultâneo à residência artística e atravessaram a investigação desenvolvida em fita_fio, contribuindo diretamente para a criação desse novo trabalho coreográfico. Do mesmo modo, as crianças que vivenciaram as oficinas durante o projeto participaram, posteriormente, como espectadoras das apresentações públicas de maneira engajada e implicada, tornando ainda mais explícita a relevância do acesso



aos procedimentos criativos em Dança para a experiência de apreciação e fruição artística.

Tal experiência evidencia a potência das ações formativas, ao afirmar que experimentar danças transforma o modo como assistimos às danças. Nesse contexto, o fato de algumas crianças terem levado seus familiares para assistir aos compartilhamentos públicos da residência artística permite reconhecê-las também como agentes culturais do território, ampliando os circuitos de circulação, mediação e acesso às ações de extensão do projeto __fio__.

Considerações finais

A processualidade da criação artística se apresentou como estrela guia do projeto de extensão __fio__ - um lugar de retorno e de orientação -, uma matéria em constante remodelagem que nos ensina a pensar os ambientes pedagógicos e, neste caso, as dinâmicas colaborativas de relação e produção de conhecimento. Desse modo, no cruzamento entre as experiências como docentes no contexto acadêmico e como coreógrafas em projetos colaborativos de criação em Dança, a atuação das autoras em ações formativas é constantemente atravessada por questionamentos e fabulações como: e se fosse um processo criativo, como lidaríamos com essa situação? Como pensaríamos esse plano de aula? Como desenharíamos esse projeto de extensão?

No projeto de extensão __fio__, apostou-se na potência política das práticas artísticas que emergem dos processos criativos, em diálogo com o que propõe o coreógrafo argentino Silvio Lang em seu “Manifiesto de la práctica escénica” (2019):

“Nós artistas não fazemos obras. Inventamos práticas. [...] Essas práticas são modos de uso e protocolos de experimentação do espaço, do tempo, dos órgãos corporais, do movimento, da percepção. Como efeito desses usos, nós artistas e público (ou artistas que ainda não se reconhecem como tais) compomos afetos e conceitos inéditos. [...] A prática artística é uma potência de atravessamento que cria um conjunto comum de procedimentos e



condições de subversão e mutação das formas de vida classificadas e tuteladas. [...] A atividade artística desfaz, reimagina e refaz a terra do conquistador. É uma prática de ‘descolonização interior’ (Silvia Rivera Cusicanqui) e de invenção de formas de vida. A disputa social é pelas formas de vida.” (Silvo Lang in Barbara Hang e Agustina Muñoz, orgs., 2021, p. 113-114, tradução nossa).

O manifesto de Lang propõe um deslocamento fundamental: em vez de centrar-se na produção de obras, afirma que artistas inventam práticas. Ao situar a prática artística como potência de atravessamento, Lang evidencia seu caráter político, revelando-a como campo de disputa pelas formas de vida. No campo da Dança, essa potência manifesta-se em espaços muitas vezes invisíveis ao debate público - nos cotidianos, nas relações, nos encontros e nas zonas de experimentação em que subjetividades se transformam. São práticas que germinam aprendizagens compartilhadas e reinventadas no convívio entre gerações e contextos.

Compreender a prática artística como campo de experimentação e processualidade é, portanto, também reconhecer sua dimensão pedagógica. Os processos criativos podem instaurar modos coletivos de aprender e desaprender, desestabilizando regimes hegemônicos de conhecimento e convocando formas de relação colaborativas, quando é essa a ética que rege os encontros. Práticas artísticas e pedagógicas, nesse sentido, entrelaçam e reivindicam-se como territórios comuns.

REFERÊNCIAS

HARAWAY, Donna J. *Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno*. Tradução Ana Luiza Braga. São Paulo: N-1 Edições, 2023.

INGOLD, Tim. *Linhas: uma breve história*. Tradução: Lucas Bernardes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.



LANG, Silvio. Manifiesto de la práctica escénica. In: HANG, Bárbara; MUÑOZ, Agustina (org.). *El tiempo es lo único que tenemos: Actualidad de las artes performativas*. Buenos Aires: Caja Negra, 2019.

TESCAROLLO, Isabela Berto; SCIALOM, Melina. *Prática como pesquisa na pesquisa em dança: laboratório e cotidianidade como método de investigação*. Prática como pesquisa nas artes da cena, CAD.GIPECIT, Salvador, ano 26n. 48p. 9-29, 2022.1

Online: <https://periodicos.ufba.br/index.php/gipe-cit/issue/view/2395/839>

Acesso: 20 dez. 2025.

Nota de transparência: o presente texto contou com uso de inteligência artificial - Chat GPT - durante o processo de revisão ortográfica e gramatical.